

MACROFAUNA DE UMA ÁREA DE MARISMA NA LAGOA SANTO ANTÔNIO DOS ANJOS: IMPORTÂNCIA COMO ÁREA PRIORITÁRIA DE CONSERVAÇÃO.¹

Jordana Sampaio Ataídes², Micheli Cristina Thomas³.

¹ Vinculado ao projeto: Caracterização da macrofauna bentônica em áreas vegetas e não vegetadas do sistema Estuarino Lagunar (SEL) de Laguna SC.

² Acadêmico (a) do Curso Ciências Biológicas - Ênfase em Biologia Marinha - CERES - Bolsista PIVIC/UDESC

³ Orientador, Departamento de Engenharia de Pesca e Ciências Biológicas - CERES – michelict@gmail.com

A região estuarina da Lagoa Santo Antônio dos Anjos apresenta uma grande diversidade de habitats, entre eles destaca-se os planos submersos rasos vegetados e não vegetados, sendo que no sul do Brasil os manguezais são quase que totalmente substituídos por marismas (Scherer, M. et al, 2006). Os ecossistemas manguezal e marisma geralmente estão associados às margens de baías, enseadas, barras, desembocaduras de rios, lagunas e reentrâncias costeiras, onde ocorre o encontro de águas de rios com a água do mar, ou diretamente expostos à linha da costa (Tognella-de-Rosa, 2000). As áreas de marismas são consideradas sistemas funcionalmente complexos, resilientes e estáveis, na qual a cobertura vegetal se fixa aos substratos e sofre influência da ação diária das marés de água salgada ou salobra (Schaeffer-Novelli, 1999). No presente estudo, buscou-se analisar a distribuição espaço-temporal dos organismos da macrofauna bentônica em uma área vegetada composta por *Spartina alterniflora*. Para tanto, as coletas foram realizadas em uma marisma localizada na Lagoa Santo Antônio dos Anjos, onde foram levados em conta o nível de maré e a zonação do ambiente. A área de amostragem foi medida e assim estabelecido três transectos de 30 m de comprimento e distanciados entre si também em 30 m. Em cada transecto foram definidos três pontos a cada 10 m de distância, sendo coletadas três amostras de macrofauna em cada ponto, totalizando 27 amostras por mês. Para a amostragem da macrofauna foi utilizado um amostrador com uma marcação de 15 cm de profundidade e 10 cm de diâmetro para padronização das amostras, em seguida as amostras foram lavadas em sacos com malha de 500 mm e o material retido armazenado em potes devidamente etiquetados. Para a obtenção dos parâmetros físicos e químicos (oxigênio dissolvido, oxigênio em porcentagem, salinidade, pH, turbidez e potencial de oxirredução) das áreas foram utilizados um multiparâmetro e uma amostra de sedimento para granulometria por ponto de coleta. As amostragens mensais iniciaram em agosto de 2019 e prosseguiram até abril de 2020, sendo que a coleta de agosto serviu como um piloto para definir as metodologias de amostragem. As coletas e as triagens foram interrompidas em abril de 2020 quando houve o decreto de quarentena, diante da realidade da pandemia de Covid-19. Em laboratório, as amostras foram formalizadas a 10 % e coradas com Rosa de Bengala, para posterior triagem em estereomicroscópio óptico. Os organismos triados e separados foram identificados em nível de classe e quantificados, sendo que até o presente momento foram processadas as amostras dos meses de setembro e outubro de 2019. Nas amostras processadas foram identificados organismos das do Filo Annelida, classes Polychaeta e Oligochaeta, e das classes Crustacea e Ostracoda, do Filo Arthropoda, assim como organismos do Filo Mollusca, da classe Bivalvia. Mesmo sem termos finalizado o processamento das amostras podemos fazer

algumas reflexões ecológicas a partir de outros estudos e discutir os resultados esperados. No trabalho de revisão bibliográfica de Lana e Guiss (1992), sobre a macrofauna bentônica de fundos não-consolidados, foram verificadas diferenças na composição e distribuição de espécies da macrofauna entre áreas vegetadas e não vegetadas, sendo essas diferenças associadas ao uso do espaço e tipo de substrato. Assim como nos resultados preliminares do presente estudo, nas áreas vegetadas foram identificados crustáceos, moluscos e poliquetas, que são organismos que utilizam as estruturas de fixação da vegetação da marisma como refúgio e suporte físico (Lana & Guiss, 1992). Já nas áreas não vegetadas foram identificados maior presença de oligoquetas e poliquetas. Uma vez que esses são mais associados ao sedimento areno-lodoso, sendo consumidores de detritos, servindo também como fonte de alimento para níveis tróficos superiores (Snelgrove et al., 1997; Weslawski et al., 2004).

Ao considerar que a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul, é um ambiente estuarino semelhante à Lagoa Santo Antônio dos Anjos (SC) sugere-se, segundo (Adam, 1990), que em áreas vegetadas, há uma menor variação temporal da composição e abundância da macrofauna do que em áreas não vegetadas. Isso porque áreas vegetadas apresentam condições menos estressantes e maior estabilidade do sedimento devido a fixação da vegetação, ao contrário dos sedimentos não consolidados e sem vegetação. Além disso, áreas de marismas são frequentemente anaeróbicos, o que pode levar a condições químicas e físicas desfavoráveis como, a falta de O₂ e potencial de redox e Ph baixos, limitando o desenvolvimento da fauna no sedimento. Tendo esses conhecimentos como premissas, ao final do processamento das amostras espera-se uma alta diversidade, baixa abundância das espécies e baixa variação espaço-temporal da macrofauna na área de marisma estudada, uma vez que as espécies da macrofauna desses ambientes possuem modos de vida adaptadas a essas condições. Com isso, futuramente será possível propor medidas de gestão ambiental para essas áreas que são importantes para conservação dos recursos naturais.

Palavras-chave: diversidade, áreas vegetadas, bentônica.